



Apocalipse zombie, sem efeitos especiais

Cristiana Bastos^{[1][2]}

RESUMO: A propósito do SARS-CoV-2/COVID-19, que apresento como zoonose contemporânea, discuto neste ensaio as articulações entre epidemias e memória coletiva, produção de conhecimento, literatura, arte, experiência vivida, medo, preparação e prevenção de calamidades, representações do futuro, biopolítica, necropolítica, e saúde pública.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19. Epidemias. Zoonoses.

Zombie apocalypse, with no special effects

ABSTRACT: In this essay, I address SARS-CoV-2/COVID-19 as a contemporary zoonosis, and discuss the articulations of epidemics and collective memory, the production of knowledge, literature, art, lived experience, fear, preparedness, projections of future, biopolitics, necropolitics, and public health.

KEYWORDS: COVID-19. Epidemics. Zoonoses.

Zombies e epidemias

Especialistas em epidemias vindos da antropologia, da história, dos estudos de ciência e da saúde pública reuniam-se num simpósio sobre as articulações epidemias/cidades organizado em 2014 na Universidade de Goethe, em Frankfurt, Alemanha^[3]. Uma das apresentações era sobre *zombies* e sobrevivência a epidemias. Estranhámos, alguns, a intrusão da linguagem do cinema e jogos num simpósio em que dominavam os nomes pesados e sérios da cólera, febre tifoide, sífilis, tuberculose, AIDS, SARS, chikungunya, dengue; em que se falava de biossegurança e cidades-sentinela, de políticas urbanas e sanitárias passadas e contemporâneas, e se articulavam a interpretação histórica, a análise do presente e a aprendizagem para uso futuro. Eu levava a análise das políticas de regulamentação para a sífilis e prostituição em Lisboa e dos debates sobre transmissão e tratamentos experimentais na primeira metade do século XX, apresentando um caso de surto numa família multigeracional de Alfama em que o alegado paciente zero fora um bebé aleitado por uma vizinha infectada – algo que emergira durante a pesquisa empírica de um projeto anterior sobre assistência à sífilis no antigo hospital do Desterro em Lisboa^[4].

Outros participantes do encontro levavam análises provenientes da China e vizinhanças, do Mediterrâneo, do Índico, das Américas (MADSEN, 2014). Ninguém vinha do planeta



Hollywood nem havia secção de ficção científica, estudos de cinema ou literatura. Mas a referência ao apocalipse zombie não estava ali deslocada: pelo contrário, era um conceito chave na frente de preparação para calamidades, a metáfora usada em departamentos de prevenção e saúde pública para hipotéticas epidemias de contornos imprevisíveis^[5].

A evocação de zombies traz-nos bandos de mortos-vivos deambulando em busca de presas que se contagiam e transfiguram em crescente malignidade, híbridos de vampiros e monstros esfarrapados, com sangue a jorrar dos olhos e orelhas, pele a explodir, ramos peçonhentos nascendo do tronco e membros, e outros elementos dos filmes de terror^[6]. No cinema de pendor realista os equivalentes dramáticos são o contágio descontrolado, a evolução rápida de sintomas, hemorragias violentas, mortalidade generalizada, militarização do espaço público, cenário de guerra e, idealmente, um final de redenção pela ciência e a medicina, cujos agentes personificam heróis em duríssima provação. Assim se viu em *Contágio* [*Contagion*] (Dir. Steven Soderbergh, 2011), em *Epidemia*^[7] [*Outbreak*] (Dir. Wolfgang Petersen, 1995), e de certo modo já no clássico de Elia Kazan *Pânico nas Ruas* [*Panic in the Streets*] (1950). Mas nem sempre é assim na vida real, ou não o é no início de cada nova epidemia.

As epidemias, mesmo as que se tornam apocalípticas, podem chegar sem efeitos especiais. Chegam em silêncio, invisíveis, mascaradas da banalidade das gripes e resfriados, de pneumonias atípicas, encontrando negação e resistência, fazendo-se acompanhar de informações contraditórias, com notícias de longe, de perto, e, um dia, a má notícia de já estar instalada no nosso espaço – país, continente, bairro, família, comunidade, rede de amigos. Geram-se, entretanto, epidemias paralelas de notícias e contra-notícias, de opiniões e dissertações sobre o significado de uma pandemia e da globalização, sobre os cenários de devastação anunciados em fórmulas matemáticas, sobre o fim do mundo como o conhecemos. Surgem as medidas de saúde pública que alteram os quotidianos e re-equacionam o futuro próximo e distante, não sem dar azo a mais epidemias de comentários sobre o estado de exceção, a biopolítica, as desigualdades que a epidemia reforça, o futuro da economia e do ambiente, o potencial da crise na transformação do modo como vivemos e viveremos, as políticas sanitárias comparadas, a pertinência dos testes ou do uso de máscaras protetoras, a validade dos números apresentados, as atitudes vigilantes de alguns governos e a displicência genocida de outros, a eficácia das medidas na Ásia, a desunião europeia, o significado das fronteiras, o descaso a Norte e Sul das Américas, as resistências da África^[8].



O apocalipse de 2020 veio em segmentos: a uns zombifica em clausura doméstica, com ou sem os desafios do teletrabalho e ensino improvisado à distância; a outros traz cenários de guerra em hospitais, unidades de assistência, lares de idosos, morgues e cemitérios; a alguns requisita para manutenção de infraestruturas; a muitos traz o espectro do desemprego e falência; a outros exponencia a já frágil situação no limite da existência; e em uns tantos gera uma criatividade solidária que se traduz em produzir, a partir da base, meios de apoio aos serviços de saúde, inventar equipamentos com materiais alternativos, ou desenvolver esquemas de apoio alimentar e social aos mais vulneráveis.

Inesperada ou anunciada?

Muitos interrogam-se como é possível termos a epidemia de COVID-19 em pleno século XXI, com tantas conquistas médicas e farmacêuticas, com tanta tecnologia disponível. Talvez a pergunta faça sentido para quem herdou a visão otimista dos anos 1960-70, quando se acreditava que a luta contra as doenças infecciosas estava tecnicamente ganha. Havia antibióticos e vacinas; estava esquecida a pneumónica de 1918, a última das grandes pandemias (e.g., CROSBY, 1989; SILVEIRA, 2009; SOBRAL et al., 2009; SOUZA, 2009); a erradicação da varíola exemplificava o sucesso de um programa vertical à escala global, que se procurava replicar – ou antecipar – para outras doenças, como a poliomielite, a malária, a tuberculose (e.g., BHATTACHARYA, 2006; BRIMNES, 2016; SAAVEDRA, 2014). Vaticinava-se um futuro sem novidades para a infecciologia, que ficaria circunscrita à chamada medicina tropical e ao mundo dito em desenvolvimento – onde não se dera ainda a chamada transição epidemiológica entre a predominância de infecciosas e transmissíveis (disenterias, tuberculose, etc.) para a predominância de crónicas e degenerativas (cardiovasculares, oncológicas, diabetes).

Tudo mudou rapidamente, e logo nos anos 80. Primeiro a AIDS^[9]. Jovens saudáveis com pneumonias que pareciam fáceis de tratar morriam nos centros médicos mais avançados e dotados do mundo. O resto é conhecido: em alguns anos identificou-se o retrovírus (vírus de ARN, que se replica num processo inverso ao habitual dos vírus de dupla hélice, ou ADN) que desmantelava o sistema imunitário, o HIV; constatou-se que atingia milhões; percebeu-se que afinal as doenças infecciosas e transmissíveis, de que esta era um caso, não eram um capítulo em vias de encerramento mas antes uma questão sanitária de magnitude global e um lugar para pesquisa pioneira; uniram-se esforços entre parceiros múltiplos – comunidades, cientistas, clínicos, laboratórios, governos, OMS, UNAIDS – para desenvolver modos de prevenção e mitigação, incluindo o combate ao estigma e o envolvimento dos



afectados, e, claro, para desenvolver terapêuticas eficientes. Estas chegaram na década de 90 e generalizaram-se na seguinte, não deixando de replicar no acesso, mesmo com mecanismos de mitigação, as grandes assimetrias mundiais que a epidemia tornara óbvias. Pelo caminho, estima-se que morreram cerca de trinta milhões. Segundo dados da OMS, cerca de quarenta milhões convivem com HIV, dos quais pouco mais de metade recebe tratamento.

A AIDS não veio só; já antes se identificara o Ébola, demasiado letal para se espalhar para fora das comunidades em que emerge, uma vez que mata o portador quase de imediato. Muitas outras infecções e potenciais epidemias foram elencadas pela jornalista científica Laurie Garret em “The Next Epidemic” (GARRETT, 1992), num volume sobre AIDS no Mundo [*AIDS in the World*] lançado pela Escola de Saúde Pública de Harvard (MANN; TARANTOLA; NETTER, 1992). Esse elenco, bem como a análise crítica das determinantes económicas e políticas que levam a que simples vírus se tornem epidemias globais afectando desigualmente as populações, seriam expandidos nos livros seguintes, entre os quais o sugestivo *The Coming Plague* (GARRET 1994). Na mesma linha, o virologista Stephen Morse mostrava em *Emerging Viruses* (MORSE 1993) o modo como a intervenção humana no ambiente acelerava o tráfico viral entre espécies e multiplicava as possibilidades de epidemias fatais e globais.

Ou seja, se a equação era de uma luta vitoriosa de humanos contra vírus, como se acreditava nos anos 70, os dados dos anos 90 mostravam que os vírus estavam a ganhar, efeito das próprias ações humanas. Note-se que esses pequenos seres, que nem sequer têm vida independente e consistem em agregados de genes que se reproduzem parasitando células vivas, não têm em si qualquer significado ou intenção. Mas dos milhares e milhões que existem, alguns podem tornar-se um desastre no encontro com as células humanas. O desastre é máximo quando o organismo não tem memória, nunca esteve confrontado com aquela sequência, não criou “imunidade”. Assim aconteceu logo no século XVI às populações das Américas, quando alguns vírus de gripe e de varíola lá chegaram nos corpos europeus com sistemas imunitários a eles acomodados. Estamos agora em situação semelhante, mas os vírus desconhecidos não vieram dos conquistadores espanhóis. Vieram, talvez, dos morcegos-ferradura asiáticos.

De zombies a zoonoses



Em vez de vampiros, temos morcegos neste enredo. Talvez pangolins. Tivemos galinhas e outras aves, no que foi uma das ameaças mais próximas de epidemia generalizada, a gripe aviária (KECK, 2010; 2020; PORTER, 2019). E camelos, no MERS. E porcos; uma vaga de peste suína antecedeu a AIDS e outras sucederam-lhe. E chimpanzés e outros símios, todos portadores de vírus a que estão acomodados (PÉPIN, 2012). De forma rápida ou lenta, em um único encontro alimentar entre um humano e um morcego, ou na repetida manipulação da carne de símios caçados, ou na produção concentracionária de carne em gigantescas prisões de aves ou de porcos, ou nos mercados de espécies vivas, muitas são as situações associadas à cadeia alimentar em que vírus passam de uma espécie para outra e chegam aos humanos. Por vezes, são elementos ainda mais simples que os vírus, como se viu no caso das vacas loucas, envolvendo também ovelhas, que trouxe a todos, incluindo humanos, a proteína infectante (prion) que desfaz o sistema neurológico e se mascara de doença degenerativa, tal como foi reconhecido, décadas antes, para o *kuru* na Nova Guiné (ANDERSON, 2008; LINDENBAUM, 2015). E sabemos que há muitos mais que podem surgir com os degelos e outros efeitos das alterações climáticas em curso^[10].

Estas décadas poderão ser lembradas como as da consciência das zoonoses, isto é, doenças transmitidas por animais não-humanos aos humanos. Este ano, o de 2020, será lembrado como uma interrupção geral, uma paralisia não desejada, com bolsas de apocalipse para quem está no olho do furacão, onde caem corpos, faltam equipamentos, sobra stress, faltam os instrumentos habituais dos humanos contra as infecções, sobra desespero, falta significado. Não virão a faltar intérpretes a emprestar significados e moral a estas epidemias, algo que sempre se fez, mesmo depois de consolidada a teoria dos micróbios: de castigos divinos a intentos maléficos de grupos e países em tensão guerreira, as interpretações são ágeis em culpabilizar grupos, nações, intenções. Assim se fazia com a peste medieval (judeus), com a sífilis no renascimento europeu (franceses, napolitanos, espanhóis, os planetas), com a AIDS (homossexuais, haitianos, norte-americanos); até a Influenza de 1918, possivelmente originada no Kansas, Estados Unidos, é conhecida até hoje como “Gripe Espanhola”, apenas porque a Espanha a noticiava quando os outros, em guerra, a abafavam. Criando incidentes diplomáticos, alguns políticos irresponsáveis referem o SARS-CoV-2 como “vírus chinês” – algo que é não apenas ofensivo como vai contra as diretivas da OMS, que desencoraja a nomeação de novas epidemias com referência a lugares (por exemplo, o vírus do Nilo Ocidental).

Idealmente, poderíamos lembrar este ano como aquele em que se ampliou a consciência sobre a necessidade de manter estruturas de assistência preparadas e bem equipadas, de dar prioridade política ao investimento na pesquisa e na saúde pública, entre hospitais,



postos de saúde descentralizados, linhas de atendimento, apoio aos profissionais. Se a política ouvisse com atenção as ciências e as humanidades, saberia que o ensinamento central do estudo das epidemias, passadas e presentes, é a importância do reforço da saúde pública e da pesquisa. Infelizmente, o ano de 2020 está também a mostrar o descaso pela vida humana de alguns governos e o amontoar do número de mortes e de infectados em países onde existiriam meios para melhor o mitigar – como se estivéssemos a assistir, ao vivo e em dores reais, a um desenrolar da biopolítica sob a forma de necropolítica.

Memória

Não sabemos como será lembrada esta epidemia no futuro. Sugere o historiador Charles Rosenberg, inspirado na célebre narrativa ficcionada de Albert Camus sobre um surto de peste em Oran, na então colônia francesa da Argélia (CAMUS, 1947), as epidemias têm uma dramaturgia própria que se inicia pelo lento reconhecimento, a que se seguem momentos de confusão e depois de medidas públicas, como o confinamento, a quarentena e o cordão sanitário; e ao seu epílogo, que mais tarde ou mais cedo chega, feliz ou infeliz, segue-se o esquecimento (ROSENBERG, 1989). A *Influenza* de 1918 ficou quase escondida da história, apesar de brutal e devastadora. Um dos raros testemunhos literários, *Pale Horse, Pale Rider*, de Katherine Ann Porter, que a viveu, foi apenas publicado em 1939. *Nemesis*, de Philip Roth, sobre a epidemia de Poliomielite em Newark que testemunho na década de 1940, é de 2011. Praticamente o mesmo intervalo separa a publicação do *Diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe, em 1722, da epidemia de Londres que reporta, ocorrida em 1665. Já a AIDS teve muitas vozes em direto, deixando uma impressionante produção artística em todos os campos, incluindo o teatro (KRAMER, 1985; KUSHNER, 1991). O Ébola originou *best sellers* do género terror médico (CLOSE 1995; PRESTON 1994).

A COVID-19 está a gerar todo um novo estilo de diarismo digital, com formação de grupos em redes sociais para partilha de informação e experiências^[11]. Tais conexões digitais estão em consonância com o telequotidiano para o qual se transferiram as vidas em quarentena e confinamento – ou parte delas, já que outra parte continua, sob stress inusitado, a trabalhar na materialidade da produção e distribuição de alimentos, da recolha de lixo, da manutenção de infraestruturas, e, em modo de apocalipse, do corpo-a-corpo nos hospitais e centros de assistência. Esses momentos dramáticos e frequentemente trágicos vamos certamente querer afastar da lembrança, realocando a imaginação para um cenário em que nada disto voltará a acontecer.



Talvez o cenário possível, desejável e viável seja o de escolhas políticas que põem em primeiro lugar a saúde, que reforçam a pesquisa, a solidariedade social, e uma ampla e eficaz cobertura sanitária com dispositivos de prevenção que não passem pelos excessos de intrusão digital já em curso nalguns lugares. Que venham, com o potencial crítico dos romances e peças de teatro de tédio ou de terror, também as narrativas de edificação da saúde pública como prioridade. Só assim não nos tornaremos zombies.

Referências

AMADEO, Pablo (Org.) **Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Disponível em: <http://iips.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acesso em: 26/11/2020.

ANDERSON, Warwick. **The Collectors of Lost Souls: Turning kuru scientists into whitemen**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2008

BASTOS, Cristiana. **Ciência, Poder, Acção: As respostas à SIDA**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

BASTOS, Cristiana. **Clínica, Arte e Sociedade: a sífilis no hospital do Desterro**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

BHATTACHARYA, Sanjoy. **Expunging Variola: The Control and Eradication of Smallpox in India, 1947-1977**. New Delhi: Orient Longman, 2006.

BRIMNES, Niels. **Languished Hopes: Tuberculosis, the State, and International Assistance in Twentieth-century India**. Hyderabad: Orient BlackSwan, 2016.

CAMUS, Albert. **La Peste**. Paris: Gallimard, 1947.

CLOSE, William. **Ebola: A novel of the first outbreak, by a doctor who was there**. New York: Ballantine, 1995.

CROSBY, Alfred. **America's Forgotten Pandemic: The Influenza of 1918**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

GARRETT, Laurie. The Next Epidemic. In: MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel; NETTER, Thomas (Eds.). **AIDS in the World**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

GARRETT, Laurie. **The Coming Plague: Newly Emerging Diseases in a World Out of Balance**. New York: Penguin, 1994.

KECK, Frédéric. **Un Monde Grippé**. Paris: Flammarion, 2010.

KECK, Frédéric. **Avian Reservoirs: Virus Hunters and Birdwatchers in Chinese Sentinel Posts**. Durham: Duke University Press, 2020.

KRAMER, Larry. **The Normal Heart**. Theater Play, 1985.



KUSHNER, Tony. **Angels in America: A Gay Fantasia On National Themes**. Theater Play, 1991.

LINDENBAUM, Shirley. An annotated history of kuru. **Medicine, Anthropology, Theory**. Edinburgh, v. 2, n.1, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17157/mat.2.1.217>. Acesso em: 26/11/2020.

MADSEN, Linda. Report from the Conference ‘Epidemics Entanglements: Exploring the Interrelation between Cities and Infectious Diseases’, Frankfurt am Main, July 24–25, 2014. **Curare - Journal of Medical Anthropology**, Berlim, v. 37, n. 4, p. 314-318, 2014.

MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel; NETTER, Thomas (Eds.). **AIDS in the World**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

MEHNER, Maximilian. Zombie survival: preparing for and acting upon imagined epidemics. Comunicação apresentada em: **Epidemic entanglements: Exploring the interrelation of cities and infectious disease**. Goethe Universitat, Frankfurt, 24-25 Julho de 2014.

MORSE, Stephen. **Emerging Viruses**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

PÉPIN, Jacques. **The Origins of AIDS**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

PORTER, Natalie. **Viral Economies: Bird Flu Experiments in Vietnam**. Chicago: Chicago University Press, 2019.

PRESTON, Richard. **The Hot Zone: A Terrifying true story**. New York: Anchor, 1994.

ROSENBERG, Charles. What Is an Epidemic? AIDS in Historical Perspective. **Daedalus**. Cambridge, v. 118, n. 2, p. 1-17, 1989.

SAAVEDRA, Mónica. **A Malária em Portugal: Histórias e Memórias**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2014.

SEGATA, Jean; MASTRANGELO, Andrea. As biosseguranças e suas antropologias. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 26, n. 57, p.7-25, ago. 2020

SILVEIRA, Anny J. T. **A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

SOBRAL, José Manuel et al. (Orgs.) **A Pandemia Esquecida: olhares comparados sobre a pneumónica, 1918-1919**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

SOUZA, Christiane. **A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

^[1] Uma versão inicial deste ensaio foi publicada na série “Ciências Sociais em Público”, resultante de uma pareceria entre o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o diário português *O Público*. Agradeço à colega Filipa Vicente o desafio e encorajamento, e ao público leitor o bom acolhimento.



^[2] Investigadora Principal, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. cristiana.bastos@ics.ulisboa.pt

^[3] *Epidemic entanglements: Exploring the interrelation of cities and infectious disease*, organizada por Meike Wolf e Kevin Hall, 24-25 Julho de 2014, Goethe Universitat, Frankfurt.

^[4] Trata-se do projeto de História da Ciência (HC/0071/2009) *A Ciência, a Clínica e a Arte da Sífilis no Desterro, 1897-1955*, que coordenei no ICS com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (<https://sites.google.com/site/cerasdesterro/home>; para este estudo de caso, ver cf. BASTOS, 2011, especialmente o capítulo 10, “Do mercúrio ao arsénico: Thomaz de Mello Breyner e a clínica de sífilis”).

^[5] Na apresentação “Zombie survival: preparing for and acting upon imagined epidemics”, Maximilian Mehner (U Philipps, Marburgo), demonstrou a relevância da noção de zombies enquanto chave visual no desenvolvimento de programas de preparação para pandemias futuras. A sua pesquisa baseou-se no programa dos Centros de Controle e Prevenção das Doenças dos Estados Unidos “Preparedness 101: Zombie Apocalypse” (Preparação Básica: Apocalipse Zombie) e em trabalho de campo no programa alemão “Campo de Sobrevivência Zombie” (MEHNER 2014; MADSEN 2014).

^[6] “Zombie” tem historicamente um significado mais amplo, remetendo para a sua etimologia africana e para a cultura afrodescendente no Caribe, destacando-se o Haiti, onde Zombies são aparições de mortos vivos – podendo ser interpretados como representação condensada da condição de morte-em-vida dos escravizados. Neste ensaio, contudo, restringi-me ao seu uso popularizado no cinema, música e videojogos, com matriz no filme “A Noite dos Mortos- Vivos” [*Night of the Living Dead*], (dir. George Romero, 1968), em que o fenómeno ainda não é referido como “zombie”, e destaque para a “dança zombie” do videoclip *Thriller* de Michael Jackson e suas reencenações, incluindo a que mobilizou centenas de encarcerados mexicanos no que veio a ser um vídeo viral.

^[7] O título do filme *Outbreak* foi traduzido no Brasil como *Epidemia* e em Portugal como *Outbreak- Fora de Controlo*.

^[8] Desde o início da epidemia que o espaço público das redes sociais, da imprensa e dos fóruns que se mantiveram em funcionamento foi inundado de polémicas e análises críticas que alertavam para o espectro de uma política totalitária por detrás das medidas sanitárias de contenção. Alguns dos autores dados a grandes teorias gerais envolveram-se de imediato: Giorgio Agamben, mais preocupado com o perigo autoritário que com a segurança sanitária; Bruno Latour, vendo uma oportunidade de reinventar a sociedade e a relação com o planeta nos termos de desaceleração que a epidemia forçou; Slavoj Žižek, mudando da posição de temor do autoritarismo à constatação do perigo real da pandemia. A publicação virtual *Sopa de Wuhan* (AMADEO, 2020) reuniu vários dos textos inaugurais de reflexão crítica sobre a pandemia – e a ela seguiram-se inúmeros textos, fóruns virtuais, workshops, grupos de discussão, clips de Youtube, páginas de Facebook e Instagram, etc., documentando não apenas o quotidiano da epidemia, mas também a produção imediata de comentário. Ao fim de alguns meses de epidemia, de acumulação de mortes, de aumento do desemprego, ruína e desespero, foi diminuindo o fulgor dos comentaristas que ora viam a epidemia como pretexto para o avanço do estado autoritário, ora a viam como oportunidade para uma reconciliação ecológica generalizada capaz de mudar a lógica de crescimento predatório da economia; os discursos negacionistas foram cada vez mais ficando adstritos à extrema direita e aos governos anti-democráticos.

^[9] Explorei alongadamente os anos iniciais da epidemia no contexto da saúde mundial analisando os seus múltiplos atores sociais, instituições, circulação de conhecimento, com foco nos Estados Unidos e Brasil (BASTOS, 2002); a bibliografia sobre as dimensões sociais da AIDS, antes e depois dos ARV



(tratamentos antirretrovirais eficazes, usados a partir de 1996), é extensíssima e não há como resenhá-la aqui.

^[10] Um recente dossiê apresenta uma completa e complexa abordagem antropológica contemporânea à questão das epidemias e biossegurança (SEGATA; MASTRANGELO, 2020).

^[11] Muitas são também as redes e consórcios unindo pesquisadores nos seus esforços em mapear, interpretar e agir em relação a esta epidemia. Para dar um exemplo apenas, veja-se a recém-criada Rede Covid 19 Humanidades <https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php> a partir da UFRGS.